

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO

Publica-se em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros. Para os Estados 28\$000 e 13\$000. — Numero avulso 500 réis.

Direcção: RUA DOS OURIVES N. 7, Rio de Janeiro

Com o presente numero termina o ALBUM o seu primeiro anno de publicação.

A empreza deste periodico julga ter cumprido as obrigações que contrahio com os seus assignantes e com o publico, e cordialmente agradece a todos quantos lhe trouxeram a sua sympathia e o seu auxilio.

SUMMARIO

CORONEL LACERDA	E. Magnus.
CHRONICA FLUMINENSE	A. A.
O PRIMEIRO MEMENTO	Bento Ernesto Junior.
PELO DIVORCIO !	Augusto Britto.
FELIZ	Alfredo de Magalhães.
VIVENDO	Raul Braga.
UM PREFACIO	Machado de Assis.
MOCIDADE	Ferreira de Campos
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO .	Alfredo Bastos.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do
DR. A. A. LAMOUNIER GODOFREDO

CORONEL LACERDA

O estado do Paraná deve ao coronel Joaquim Rezende Correia de Lacerda mais do que a cooperação da sua actividade para o desenvolvimento commercial e industrial e mais do que o concurso do seu espirito para o desenvolvimento intellectual: — deve-lhe a sua historia.

Estado novo, sem tradições e sem lutas, vivendo, nos tempos monarchicos, da vida vegetativa das pequenas provincias, o Paraná era n'aquelle tempo uma especie de escola para a aprendizagem das

presidencias de provincia e servia apenas para o inicio da carreira politica dos afilhados aspirantes a estadistas.

Com a Republica, que trouxe como consequencia a queda de prestigio das duas familias politicas que alli dominavam pela tradição partidaria, o pequeno estado tão assombrosamente dotado pela natureza, não melhorou muito de condição, e continuou a ser dirigido por aquella mesma aprendizagem politica que, no periodo de transição por que passa a Patria brasileira, não lhe soube dar uma organização racional e pratica.

A politica republicana do Paraná, formada sob a direcção de pessoas estranhas ao estado, tornou-se por isso uma aggremação irresistente e agitada pela heterogeneidade dos elementos de que se constituiu.

Assim é que, pela força unica das combinações officiaes, assumiram alli a chefia de duas facções inimigas duas individualidades que, pessoalmente, nada representam como prestigio ou como tradição politica local.

Felizmente parece que os ultimos acontecimentos annullaram completamente essas duas individualidades, pois uma d'ellas acaba de deixar o estado com o vexame da covardia diante da invasão e a outra por ter se constituido um dos mais ferozes sicarios d'essa invasão que atravessou o Paraná n'um sopro allucinado de degola e de saque.

Eis rapidamente o que foi e o que é o Paraná debaixo do ponto de vista politico: um estado quasi sem autonomia e sem nenhuma historia.

Paginas de sangue, se as teve, foram tristes historias de eleições conquistadas á faca á porta das egrejas.

E' de agora, portanto, do baptismo de sangue da Lapa, que o Paraná começa de entrar na communhão historica dos grandes homens e das grandes heroicidades.

Esse baptismo, que talvez tenha sido, — depois da energia e tenacidade do actual chefe de estado do Brasil, o grande recluso de Itamaraty, tão mal julgado pela inepecia partidaria, — o elemento mais

poderoso para a salvação da Republica, trouxe incontestavelmente o Paraná para a frente d'essa marcha épica de heroismo e sangue que atravessa a historia do Brasil actual.

N'essa pequena pagina do cerco de uma cidade e da resistencia offerecida por um de seus filhos, ha como que o renascimento da antiga fibra guerreira, esquecida no tumulto d'este seculo de industrialismo e de covardia.

Estas simples linhas que ahi ficam, justificam plena e absolutamente o procedimento do *Album*, em dar o retrato glorioso do heróe da Lapa: — factor unico da historia de um estado, cooperador efficaz da historia de um paiz.

*

Nascido na cidade da Lapa, a antiga villa do Príncipe, no estado do Paraná, o coronel Joaquim Rezende Correia de Lacerda esteve na sua meninice sob a direcção mental do venerando padre Miguel Teixeira Guimarães.

Aos 14 annos de idade iniciou os seus estudos preparatorios, tendo, com o mais sensível aproveitamento, estudado portuguez, historia, arithmetica francez e latim, com o notavel homem de letras e sabio professor Emilio Nunes Correia de Menezes, a cujos ensinamentos muito deve hoje a mentalidade do Paraná.

Espirito irrequieto, com um poder extraordinario de assimilação, não se contentava o nosso biographado com a restricção da educação com que podia contar na sua terra natal, e, após os estudos de allemão e desenho sob a severa direcção do illustre professor Frederico Guilherme Wirmoud, veio para o Rio de Janeiro aperfeiçoar-se na musica para que tinha manifesta vocação, e cujos estudos iniciára na cidade da Lapa com o professor G. Helmod.

No Rio de Janeiro teve como professor o notavel maestro Oscar Pfeifer que, desenvolvendo as naturaes tendencias de seu discipulo, chegou a fazer d'elle o delicado *virtuose* que todos conhecemos.

Durante toda a campanha do Paraguay esteve aquartellado no posto de tenente, recusando-se sempre ás promoções a que fizera jus pelos bons serviços então prestados.

Por esses e outros serviços, foi, por duas vezes, condecorado pelo governo da monarchia, sob as distincções da commenda e officialato da Rosa e Christo, distincções essas tambem rejeitadas sempre com a obstinação dos espiritos verdadeiramente democraticos.

Quando rebentou a revolução no estado do Rio Grande, o digno paranaense com admiravel previsão tratou de organizar forças que n'um momento dado podessem evitar que o Paraná fosse invadido pela estúpida leva de bandidos que com tanta ferocidade procuram sacrificar a felicidade da Republica.

O que foram essas forças, o que fizeram esses legendarios mil e cem homens da brigada patriótica organizada pelo coronel Lacerda, sabem-n'o todos os bons patriotas, e sabe o Brazil inteiro de cuja salvação foi poderoso elemento a memoravel resistencia da cidade da Lapa.

Dando, pois, o retrato do heroico cidadão-soldado, que n'aquelle cerco sacrificou tudo, affectos e commodidades, saude e fortuna, deve o *Album* sentir-se orgulhoso de cumprir assim um dever de alto patriotismo e de reconhecimento pelos involvidaveis serviços por elle prestados á Patria e á Republica.

E. MAGNUS.

CHRONICA FLUMINENSE

Inaugurou-se a exposição geral de bellas-artes, que é, sem duvida, o mais curioso dos certamens artisticos até hoje realizados n'esta capital.

Figuram n'essa exposição, que tem sido extraordinariamente visitada, mestres e discipulos, veteranos e recrutas, nomes feitos e nomes por fazer, revelando todos a mais pronunciada tendencia para o modernismo, para a verdade, para a reproducção intelligente e fiel da vida actual.

Na impossibilidade de fazer, n'esta chronica fugitiva, uma apreciação, embora ligeira, dos trabalhos expostos, e não querendo transformar o meu artigo n'uma enfadonha nomenclatura, limito-me a cumprimentar a brilhante pleiade dos nossos pintores na pessoa do meu illustre amigo Rodolpho Bernardelli, director da Escola Nacional de Bellas-Artes, a quem se deve principalmente o bom exito da exposição.

*

E' pena que o edificio da Escola de Bellas-Artes não se preste absolutamente a uma exposição de pintura. Muitos quadros, para não dizer todos, estão grandemente prejudicados pelas pessimas condições de luz, e o espaço destinado á exposição—encontrado sabe Deus com que trabalho—é ridiculamente exíguo.

Quem for á Escola assistir a uma lição de pintura, ha de ver na aula os alumnos por bem dizer amontoados uns sobre os outros; o professor Brocos tem feito prodigios de arrumação, mas o espaço continúa naturalmente a faltar-lhe.

E' provavel que o bom exito da exposição determine em 1895 a matricula de um numero elevado de alumnos; e, sendo assim, a direcção da Escola talvez seja obrigada, de accordo com o governo, a

dizer aos candidatos a phrase sacramental dos conductores de bonds : Não ha mais logar.

*

Urge que governo dê á Escola Nacional de Bellas-Artes uma casa digna de tão importante estabelecimento de educação popular.

E' preciso tirar d'alli a Escola. O edificio actual, situado á ilharga do Thesouro, está a calhar para a Caixa da Amortisação, que, segundo me consta, anda á procura de casa.

A ideia, que Rodolpho Bernardelli ha muito tempo alimenta, de aproveitar para a Escola o edificio da praça do Mercado da Gloria, não merece o desprezo a que parece estar condemnada. Tudo depende de uma simples troca de officios entre a municipalidade e o governo. A economia será consideravel, porque o plano do Bernardelli é aproveitar alicerces e paredes, transformando, todavia, aquillo n'um verdadeiro monumento architectonico.

Com uma casa apropriada, poderemos ter no Rio de Janeiro todos os annos um *petit-salon*, em que figurem os nossos talentosos pintores sem se queixar da má collocação dos seus quadros, e para o qual se convidem bons artistas estrangeiros, que não perderão, certamente, o ensejo de se exhibir. E os fructos provaveis dessa exposição annual, realisada em taes condições, valem bem o sacrificio da mudança.

A. A.

O PRIMEIRO MEMENTO

Sobre o vivo esplendor das floracões primeiras,
Linda abelha esvoaça, anhelante, sonora,
N'um zumbiar semelhante ás endeixas que chora
O ribeiro tombando, ao longe, em cachoeiras.

Ora, inquieta, a voar, longas horas inteiras,
Alli fica entre a fronde a buscar o mel, ora
Parte doida a zumbiar pelas quintas afora,
Depois pousa fechando as azinhas ligeiras.

Mão infantil e má, na furia dos brinquedos,
Vibrou uma pedrada e o projectil certo
Prostrou o insecto morto em cima de uns rochedos.

Chorando a irman finada, abelhas mil em torno
Revoam, entoando o *memento* primeiro
Ao cadaver gentil, mal ferido, inda morno.

BENTO ERNESTO JUNIOR.

Pará (Minas) 1893.

PELO DIVORCIO !

Com o titulo que serve de epigraphe a estas linhas acaba de ser publicado aqui, no Rio de Janeiro, onde temporariamente me acho, — sendo editora a casa Fauchon & C., — um livro de valimento litterario, escripto pelo Sr. Pardal Mallet.

Acabo de ler esse livro opportunamente apparecido.

E' muito possivel que haja um partido vigoroso que o condemne, pois que a reforma que elle applaude entende com preconceitos inveterados, firmados no intuito de acatar a moral social.

Nós bem sabemos que isto que appellidam de moral social não passa de mera convenção estabelecida pela humanidade ; mas tambem sabemos que toda e qualquer convenção, quando logra a ventura de atravessar longa existencia, estende muito longe e por toda a parte as suas raizes, que, assim, se tornam difficeis de ser extirpadas, — ao menos á primeira vista, ás primeiras tentativas. No entanto, é, de outro lado, necessario convir que nem todas as raizes, por se tornarem longas e numerosas, são, por natureza, resistentes.

Basta o caso de já estarem apodrecidas. E, direi melhor — applicado este mesmo pensamento á hypothese de terem taes raizes solidez por boa conformação e consistencia. Se ao contrario acontecer, ainda mais facil será a sua extirpação.

No caso vertente eu entendo que, em homenagem á propria moral, deveremos render preito ao divorcio.

Em termos precisos — haverá grande immoralidade na ideia de sua repulsão. Pois haverá por ahí coisa que mais contrarie aos sabios principios em que estão estabelecidas as leis da natureza do que o aresto estatuinto indissolueis os laços matrimoniaes ?

Um absurdo tão repugante quanto damno-o !

Se o casamento nada mais faz que solemnizar o amor ; se o amor tantas vezes morre quantas vezes renasce, — como imaginar sempre sua eternidade, com a irrevogabilidade d'aquelle contracto ?

E eu fallo debaixo do ponto de vista da ideia que legitimamente dá rasão de ser ao casamento ; não me occupo do que motiva a sua generalidade. O sacerdote e o juiz limitam-se a perguntar aos nubentes se é por — sua vontade — que desejam contrahir matrimonio. Se respondem — sim — é o quanto basta. Não indagam se entre elles ha affinidade electiva, coisa em todo o ponto conveniente, já para sua paz e socego, já para o lucro da humanidade com a conservação e o desenvolvimento de sua especie.

Houve convenção para que o inicio da cohabitação de um homem e uma mulher fosse solemnizado por um contracto, que tomou o nome de casamento.

Vá que seja. Effectue-se o contracto. Mas, com a breca ! concedam ao menos que a clausula da eternidade estabelecida, torna-se uma coisa toda incongruente. Se os nubentes effectuaram casamento

por que isso — queriam — por que não se hão de descasar quando também o quizerem ?

Talvez alguém me responda : Se aceitaram a clausula (a do convenio eterno) está claro que o seu — sim — alludio a essa clausula.

Mas, dizei: o que elles, pobresinhos, haviam de fazer sinão dar aquella resposta ? Se a dessem por outro modo, adeus casamento! Simplesmente—obrigados a mentir, elles mentiram, formando talvez o plano immoral de romper, a seu modo, os laços matrimoniaes, logo que lei superior a isto lhes ordene.

Ahi está, pois, o casamento actual auctorizando o calculo vil, a mentira e a immoralidade.

E, depois, a evolução dos seculos nos está determinando a obedecer ao grandioso principio do altruismo, que se nos revela no sentimento do amor, — referindo-me, bem entendido, ao amor genuino. Uma cadeia mais bella que a de outr'ora, já attesta a intuição para a solidariedade humana, solidariedade que não deve somente comprehender a nossa vida contemporanea, mas a dos nossos posteros. Não se nos acorrentem os affectos, que estes se hão de irromper serenos e doces — cheios de sinceridade e de sentimentos os mais generosos e salutaes.

De momento acudiram-me estas considerações a proposito da leitura que, como disse, acabei de fazer do novo livro do Sr. Pardal Mallet.

AUGUSTO BRITTO.

FELIZ

Feliz que deve ser o louco. Na inconsciencia
Absoluta de quanto o envolve, alheio á vida,
Do multiplo e fatal problema da existencia
Esquece a solução jamais obtida.

Sem guia, ainda que o instincto, a gargalhar ou sério,
Sombra errante elle passa ao mundo indifferente,
De sonhos, talvez, n'alma um vasto cemiterio,
Do Ideial, quem sabe, outr'ora grande crente.

Honesto, sem que ao rosto a mascara afivele
Do torpe fingimento, a impar de austeridade,
A ventura concentra e o exemplo que vem d'elle
Nos mostra pelo avesso a sociedade.

E, emtanto, ella sorri se o vê, como se visse
Em furioso saltar reles jogral de feira,
Da evidencia a esconder-se, inutil, que a doudice
E' a sua unica face verdadeira.

E livre como a Ideia, o espirito annullado
Embora, de amanha sem se lembrar, ditoso,
Tranquillo é seu viver, tranquillo e descuidado
Como o da ave que vae de pouso em pouso.

ALFREDO DE MAGALHÃES.

VIVENDO

(*Notas intimas*)

A ARTHUR AZEVEDO

97ª nota.

Com que pesados grilhões eu me contive ! Precisos foram ! Ai a loucura em que eu me ia lançar !

Tambem, para que bella assim como és ? que necessidade tens disso, se és a mais formosa de todas ?

Grilhões, fortes grilhões, foram os da minha *vontade*, para o meu instincto vencerem, tão louco elle era !

Como me pude conter ! admiro-me ainda ; como esse instincto não foi tão forte que tudo venceu !...

Ai as bellas mulheres que por mim passam ! Mal imaginam o risco que correm ! Um dia, não haverá *vontade* que me contenha... Esta nota é um aviso : que aquellas que não o desejam, me evitem !

Tu, por exemplo. Descuidosa, certo, desconhecendo-o, não sabendo quem eu fosse, — passaste por mim: o teu vestido quasi roçou-me... Ah ! nem o sonhas ! o cannibal que em mim vive sentio-se tocado: teve impetos de se lançar a ti, de morder-te, de devorar-te .. A minha *vontade* de civilisado conteve-o...

A minha *vontade* ? !... havia *vontade* ? !. Eu não reflecti ! Ao mesmo tempo que em mim se agitava o monstro, o selvagem, alguma coisa me prendia os musculos ..alguma coisa que não sei o que foi...

Resisti ! Arrependo-me. Escrevendo estas linhas, o barbaro desperta-se-me... desperta-se-me... desperta-se-me, e eu me arrependo de lhe haver resistido...

Esse aviso que vos dirijo, bellas mulheres ! — de que por mim não passeis, — não pôde deixar de ser uma imbecilidade. Que me importa o mais, além do meu *goso* ! E — quem sabe ! — talvez as mulheres gostem de ser amadas assim !... O sabor da tua carne, o sabor do teu sangue, como deliciosos serão, bella desconhecida ! ..

Que remorso, meu Deus ! que remorso !...

98ª nota.

Como aquelles que um orgulhoso me julgam se enganam !

Orgulhoso eu ? ! E as horas, os dias, em que, enclausurado n'um silencio soturno de peccador que rememora peccados, eu me maldigo, eu me cuspo todas as imprecações, as mais odientas, n'uma piedade e em um nojo per mim proprio !...

Veem-me a face apenas quando em publico ; veem-m'a quando a minha covardia de anemico e esse sarcasmo de que me faço o objectivo primeiro, arreganham-me os musculos da bocca em um sorriso eterno de mendigo a implorar a benevolencia de um acolhimento ; veem-m'a, n'esses momentos apenas, e duros que são, impiedosos, sem a concessão sequer de ouvirem o que o entendimento lhes diz, simulam



Phototypia J. Gutierrez.

CORONEL JOAQUIM LACERDA

então um orgulhoso julgar-me, para que nem a esmola de uma piedade eu mereça !

Ai ! mas quando eu só, no meu quarto !... Alli fóra, talvez que, sondando bem, encontrem alguma parcella de orgulho na minha attitude ; mas aqui... mas aqui... meu Deus ! como eu sou pequeno e vil... humilde !...

Rememoro tudo que fiz, rememoro tudo que faço, e uma dor, uma tristeza, uma repugnancia — por mim proprio. me agoniam, n'uma nausea de tudo...

Memoria ! ai esta memoria cruel, para que é que eu a tenho, se ella me mata, me pisa aos pés, me esmaga, me amarrota, como um trapo immundo ! ai esta memoria tão cruel que nem ao menos me aniquila subito, de uma vez, mas aos poucos, lentamente, como que se deliciando com a minha agonia ! Para que eu a tenho ? Porque se me não embota de vez, porque se me não embota de vez, apagando-me dos olhos todo o meu passado, todo este triste passado de todos os dias, cuja recordação é a minha miseria ?...

RAUL BRAGA.

UM PREFACIO

Em 1887 foi iniciada n'esta capital a publicação do *Guarany*, de José de Alencar, n'uma grande edição de luxo.

O trabalho começou com enthusiasmo; entretanto, por motivos que não nos cumpre averiguar, foi suspenso quando já se achavam impressas cento e tantas paginas, e nunca mais proseguio, e provavelmente já agora não será levado ao cabo.

Para essa edição monumental escreveu Machado de Assis o magnifico prefacio que em seguida transcrevemos, e que é, por bem dizer, inedito.

Folgamos de archivar nas columnas do *Album* essa esplendida pagina do Mestre, que nas lettras nacionaes contemporaneas occupa incontestavelmente o primeiro logar.

Um dia, respondendo a Alencar em carta publica, dizia-lhe eu, com referencia a um topico da sua, — que elle tinha por si, contra a conspiração do silencio, a conspiração da posteridade. Era facil antever-o : o *Guarany* e *Iracema* estavam publicados ; muitos outros livros dayam ao nosso autor o primeiro logar na litteratura brazileira. Ha dez annos apenas que morreu ; eil-o que renasce para as edições monumentaes, com a primeira d'aquellas obras, tão fresca e tão nova, como quando vio a luz, ha trinta annos, nas columnas do *Diario do Rio*. E' a conspiração que começa.

O *Guarany* foi a sua grande estreia. Os primeiros ensaios fel-os no *Correio Mercantil*, em 1853, onde substituiu F. Octaviano na chronica. Curto era o espaço, pouca a materia ; mas a imaginação de Alencar suppria ou alargava as coisas, e com o seu pó de ouro horrifava as vulgaridades da semana. A vida fluminense era então outra, mais concentrada, menos ruidosa. O mundo ainda não nos fallava todos os dias pelo telegrapho, nem a Europa nos mandava duas e tres vezes por semana, ás braçadas, os seus

jornaes. A chacara de 1853 não estava, como a de hoje, contigua á rua do Ouvidor por muitas linhas de tramways, mas em arrabaldes verdadeiramente remotos, ligados ao centro por tardos omnibus, e carruagens particulares, ou publicas. Naturalmente, a nossa principal rua era muito menos percorrida. Poucos eram os theatros, casas fechadas, onde os espectadores iam traquillamente assistir a dramas e comedias, que perderam o viço com o tempo. Tres d'elles foram demolidos ; resta um, com uso intermitente. A animação da cidade era menor e de diferente character. A de hoje é o fructo natural do progresso dos tempos e da população ; mas é claro que nem o progresso nem a vida são dons gratuitos. A facilidade e a celeridade do movimento desenvolveram a curiosidade multipla e de curto folego, e muitas coisas perderam o interesse cordial e duradouro, ao passo que vieram outras novas e innumeraveis. A phantasia de Alencar, porém, fazia render a materia que tinha, e não tardou que se visse no joven estreante, um mestre futuro, como Octaviano, que lhe entregára a penna.

Effectivamente, d'ahi a tres annos, apparecia o *Guarany*. Entre a chronica e este romance, medearam, além da direcção do *Diario do Rio*, a famosa critica da *Confederação dos Tamoyos*, e duas narrativas, *Cinco Minutos* e a *Viuvinha*. A critica occupou a attenção da cidade durante longos dias, objecto de replicas, debates, conversações. Em verdade, Alencar não vinha conquistar uma ilha deserta. Quando se apparelhava para o combate e a producção litteraria, mais de um engenho vivia e dominava, além do proprio autor da *Confederação*, e para citar só alguns mortos, basta escrever os nomes de Gonçalves Dias, Warnhagen, Macedo, Porto Alegre, Bernardo Guimarães ; e entre esses, posto que já então finado, e quelle cujo livro acabava de revelar ao Brasil um poeta genial : Alvares de Azevedo. Não importa ; elle chegou, impaciente e ousado, criticou, inventou, compoz. As duas primeiras narrativas trouxeram logo a nota pessoal e nova ; foram lidas como uma revelação. Era o bater das azas do espirito, que ia pouco depois arrojarse até ás margens do Paquequer.

Aqui estão as margens do Paquequer ; aqui vem este livro, que foi o primeiro alicerce da reputação de romancista do nosso autor. E' a obra pujante da mocidade. Escreveu-a á medida da publicação, ajustando-se a materia ao espaço da folha, condições adversas á arte, excellentes para grangear a attenção publica. Vencer essas condições no que ellas eram oppostas, e utilisal-as no que eram propicias, foi a grande victoria de Alencar, como tinha sido a do autor dos *Tres Mosqueteiros*.

Não venho criticar o *Guarany*. Lá ficou, em paginas idas, o meu juizo sobre elle. Quaesquer que sejam as influencias estranhas a que obedeceu, este livro é essencialmente nacional, A natureza brazileira, com as exuberancias que Burk oppõe á nossa

carreira de civilização, aqui a tendes, vista por varios aspectos; e a vida interior no começo do seculo XVII devia ser a que o autor nos descreve, salvo o colorido litterario e os toques da imaginação, que, ainda quando abusa, delicia. Aqui se encontrará a nota maviosa, tão caraterística do autor, ao lado do rasgo masculino, como lh'o pedia o contacto e o contraste da vida selvagem e da vida civil. Desde a entrada estamos em puro e largo romantismo. A maneira grave e apparatusa com que D. Antonio de Mariz toma conta de suas terras lembra os velhos fidalgos portuguezes, vistos atravez da solemnidade de Herculano; mas já depois intervem a linta do goytacaz com a onça, e entramos no coração da America. A imaginação dá á realidade os mais opulentos atavios. Que importa que ás vezes a cubram de mais? Que importam os reparos que possamos fazer na psychologia do indigena? Fica-nos n'este o exemplar da dedicação, como em Cecilia o da candura e faceirice; ao todo, uma obra em que palpita o melhor da alma brasileira.

Outros livros vieram depois. Veio a deliciosa *Iracema*; vieram as *Minas de Prata*, mais vasto que ambos, superior a outros do mesmo autor, e menos lido que elles; vieram aquelles dous estudos de mulher, *Diva* e *Luciola*, que foram dos mais famosos. Nenhum produziu o mesmo effeito do *Guarany*. O processo não era novo; a originalidade do autor estava na imaginação fecunda, — ridente ou possante, — e na magia do estylo. Os nossos raros ensaios de narrativa careciam, em geral, d'esses dous predicados, embora tivessem outros que lhes davam justa nomeada e estima. Alencar trazia-os, com alguma coisa mais que esportava a attenção: o poder descriptivo e a arte de interessar. Curava antes dos sentimentos geraes; fazia-o, porém, com largueza e felicidade; as physionomias particulares eram-lhe menos aceitas. A lingua, já numerosa, fez-se rica pelo tempo adiante. Censurado por deturpal-a, é certo que a estudava nos grandes mestres; mas persistio em algumas fórmas e construcções, a titulo de nacionalidade.

Não pude reler este livro, sem recordar e comparar a primeira phase da vida do autor com a segunda. 1856 e 1876 são duas almas da mesma pessoa. A primeira data é a do periodo inicial da producção, quando a obra paga o esforço, e a imaginação não cuida mais que de florir, sem curar dos fructos nem de quem lh'os apanhe. Na segunda, estava desenganado. Descontada a vida intima, os seus ultimos tempos foram de misanthropo. Era o que ressumbrava dos escriptos e do aspecto do homem. Lembra-me ainda algumas manhãs, quando ia achal-o nas alamedas solitarias do Passeio Publico, andando e meditando, e punha-me a andar com elle, e a escutar-lhe a palavra doente, sem vibração de esperanças, nem já de saudades. Sentia o peor que pôde sentir o orgulho de um grande engenho: a indifferença publica, depois da acclamação publica. Come-

çára como Voltaire para acabar como Rousseau. E baste um só cotejo. A primeira de suas comedias, *Verso e Reverso*, obrasinha em dois actos, representada no antigo Gymnasio, em 1857, excitou a curiosidade do Rio de Janeiro, a litteraria e a elegante; era uma simples estreia. Dezoito annos depois, em 1875, foram pedir-lhe um drama, escripto desde muito, e guardado inedito. Chamava-se *O Jesuita*, e ajustava-se fortuitamente, pelo titulo, ás preoccupações maçónico-ecclesiasticas da occasião; nem creio que lh'o fossem pedir por outro motivo. Pois nem o nome do autor, se faltasse outra excitação, conseguiu encher o theatro, na primeira, e creio que unica, representação da peça.

Esses e outros signaes dos tempos tinham-lhe azedado a alma. O echo da quadra ruidosa vinha contrastar com o actual silencio; não achava a fidelidade da admiração. Accrescia a politica, em que tão rapido se elevou como cahio; e d'onde trouxe a primeira gotta de amargor. Quando um ministro de Estado, interpellado por elle, retorquiu-lhe com palavras que traziam, mais ou menos, este sentido — que a vida partidaria exige a graduação dos postos e a submissão aos chefes, usou de uma linguagem exacta e clara para toda a Camara, mas intelligivel para Alencar, cujo sentimento não se accommodava ás disciplinas menores dos partidos.

Entretanto, é certo que a politica foi uma de suas ambições, senão por si mesma, ao menos pelo relevo que dão as altas funcções do Estado. A politica tomou-o em sua nave de ouro; fel-o polemista ardente e brilhante, e levantou-o logo ao leme do governo. Não faltava a Alencar mais que uma faculdade parlamentar, a eloquencia. Não possuia a eloquencia, antes parecia ter em si todas as qualidades que lhe eram contrarias; mas, fez-se orador parlamentar, com esforço, desde que vio que era preciso. Comprehendêra que, sem a oratoria, tinha de ficar na meia obscuridade. Se o talento da palavra é a primeira condição do parlamento, no dizer de Macaulay, — que es reveu essa especie de *truismo*, supponho, senão para accrescentar sarcasticamente que a oratoria tem a vantagem de dispensar qualquer outra faculdade, e pôde muita vez cobrir a ignorancia, a fraqueza, a temeridade e os mais graves e fataes erros, — sabemos que, para o nosso Alencar, como para os melhores, era um talento complementar, não substitutivo. Deu com elle algumas batalhas duras contra adversarios de primeira ordem. Mas tudo isso foi rapido. Teve os gosos intensos da politica, não os teve duradouros. As lettras, posto que mais gratas que ella, apenas o consolaram; já lhes não achou o sabor primitivo. Voltou a ellas inteiramente, mas solitario e desenganado.

A morte veio tomal o depressa. Jamais me esqueceu a impressão que recebi quando dei com o cadaver de Alencar no alto da eça, prestes a ser transferido para o cemiterio. O homem estava ligado aos annos das minhas estreias. Tinha-lhe affecto, co-

nhecia-o desde o tempo em que elle era, não me podia acostumar á ideia de que a trivialidade da morte houvesse desfeito esse artista fadado para distribuir a vida.

A posteridade dará a este livro o logar que definitivamente lhe competir. Nem todos chegam intactos aos olhos d'ella; casos ha, em que um só resume tudo o que o escriptor deixou n'este mundo. *Manon Lescaut*, por exemplo, é a immortal novella d'aquelle padre que escreveu tantas outras, agora esquecidas. O autor de *Iracema* e do *Guarany* pôde esperar confiado. Ha aqui mesmo uma inconsciente allegoria. Quando o Parahyba alaga tudo, Pery, para salvar Cecilia, arranca uma palmeira, a poder de grandes esforços. Ninguem ainda esqueceu essa pagina magnifica. A palmeira tomba, Cecilia é depositada nella, Pery murmura ao ouvido da moça: *Tu viverás*, e vão ambos por alli abaixo, entre agua e céu, até que se somem no horizonte. Cecilia é a alma do grande escriptor; a arvore é a Patria que a leva na torrente dos tempos. *Tu viverás!*

MACHADO DE ASSIS.

AUGUSTO BRITTO

Está de passagem n'esta capital o nosso querido amigo Augusto Cezar de Macedo Britto, administrador aposentado do correio do Maranhão.

Augusto Britto é autor de um grande numero de comedias, algumas das quaes representadas com applausos.

Jornalista, o nosso amigo tem produzido em varios jornaes e periodicos, inumeros escriptos que, reunidos, formariam um curioso volume.

Augusto Britto honrou-nos com o artigo que hoje inserimos sob o titulo *Pelo divorcio!*—, escripto a proposito do interessante pamphleto de Pardal Mallet, recentemente publicado.

MOCIDADE

A ARTHUR AZEVEDO

Quando a vida na idade adolescente
Como uma flor a rescender começa,
Ama-se, e o coração febril não cessa
De palpar por outro avidamente.

E n'essa quadra seductora, n'essa
Primavera do amor casto, innocente,
Não ha desgosto algum ou dor latente,
Nem sonho máo ou magua que entristeça.

Tudo é bello no mundo; em toda a parte
Ha mimos que, á celeste qualidade,
A natureza pródiga reparte.

O' leda juventude! ó mocidade!
Só na existencia sabe avaliar-te
Quem de ti se despede com saudade.

FERREIRA DE CAMPOS.

Rio Grande.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TIPOS DE MULHERES)

XIII

(Continuação)

O silencio temporario de Carrero devia ter fim. A interrogativa a elle dirigida e pronunciando o nome de Carmen ficou suspenso.

— Sim! Carmen!.... — affirmou afinal. Aquella pateada não seria talvez obra da imaginação de uma mulher generosa; seja como fór, foi um acto sancionado, e por consequencia obra de cumprimento!

— Bem! — atalhou o moço louro; em todo o caso, assim como Guilherme Tosti foi sufficientemente cobarde para humilhar-se em presença do *Benedicto*, assim podia ser soffrivelmente infame para dar a paternidade do attentado a uma mulher. Onde a verdade?

— No que disse! O cobarde, quando se arreceia de alguma coisa, fórma planos, tem *labia*, discorre com a verbosidade de um Castelar; se, porém, é surpreendido e, antes de se lhe atirar ao rosto a accusação, pronuncia um nome qualquer, então é que adivinhou o que se pretende tratar e, por isso, quer salvar-se, denunciando ou o autor verdadeiro, ou um cúmplice. Ora, como para o caso, autor ou cúmplice é uma e mesma coisa, lembro á bella sociedade o Sr. Guilherme Tosti. Tenho concluido.

— Pois eu, carissimos amigos — seguio Rozzo a imitar o tom da voz de Carrero — sou de opinião que tudo isto é, francamente, pueril, sem valor; em tudo quanto entra mulher ahí vêm a futilidade, a intriga, a falta de limpeza na opinião, o cynismo vestido de filó e de rabicho, e disfarçado como qualquer idiota em tempo de carnaval. Que diabo! estranho-te, Carrero! Pois pensas que Lucio se abalará com o despeito de Carmen, nem com a pateada de Guilherme? Sim, porque de tudo isto deprehendo tão somente que essa elegante do que soffre é do amor proprio, o maximo intestino em que as mulheres digerem todas as decepções e d'onde emergem todo o philtro da intriga.

Os criados *cabeceavam* ao som monotono da voz de Rozzo. Era a hora do *champagne*. Carrero observou o campo e den com aquella scena da criadagem, o symbolo do povo quando escuta discursos de pais da patria; mãos enlaçadas na altura do abdomen e beiços alongados, na estúpida expressão da imbecilidade atrevida. Rozzo seguio o olhar de Carrero, apossou-se de uma garrafa de *champagne*. Liquido de marca fina e superior — dizia orgulhosamente um letreiro dourado, grudado na rotundidade oval da *raederer*.

A scena interessava. Todos sorriam. O proprio coronel descarnava ainda uma costelleta e murmurava — entre parenthesis: *Es un diablo!*

Dos tres criados, o mais consciencioso espreguiçou um bocejo, prolongado e vadio. Abrio, com a prudencia de um conspirador, o postigo do olho esquerdo e demorou-se gostosamente na mesma posição ao adivinhar o que ás occultas se preparava.

Rozzo aproximou-se dos ouvidos de dous, que adormeciam proximos um do outro, na attitude dos quadrúpedes acostumados a dormir de pé, e *disparou* a garrafa.

A rolha partio com o ruido estrondoso de uma pistola carregada até a boca.

Necessitava-se de um final comico. Rozzo aproveitou a occasião.

A gargalhada foi geral.

O effeito excellente e verdadeiramente theatral.

A hora adiantara-se e a presença do coronel impedia a usança da litteratura livre.

Principiaram os brindes. Cruzaram-se com o tiroteio de *speechs* ou asmaticos ou inspirados. Os cerebros encandesceram.

Rozzo estava de veia. Quiz dar a ultima palavra.

— Meus senhores! — disse em ar de critica mordaz — felicito-vos e felicito-me. E' a primeira vez que nos reunimos tantos, sem fallar na politica da terra. Digo-vos esta verdade, para que em consciencia repitais: mais patria e muito menos politica.

Houve uma pequena pausa.

Aquella roda animada de rapazes, filiada ao partido mais sympathico á mocidade, o partido progressista, que estava em moda na classe abastada, da que usa luvas e frisa o bigode, convenceu-se do que acabava de pronunciar o diabolico Rozzo.

Não haviam fallado em politica.

E alguns olhares indiscretos cahiram na languidez moribunda da contemplação baça, a que se entregam os individuos que estendem o corpo ao sepulchro e a alma ao diabo.

E uma saudade infinda mordeu-lhes o coração.

Haviam-se esquecido da politica!...

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

(NOTAS A LAPIS)

LYRICO. — Companhia italiana Tomba, de opera, opera-comica e opereta. Repertorio eclectico. Verdi de braço dado a Suppé e a Chapi; Donizetti entre Varney e Zeller; Mascagni abraçado aos irmãos

Ricci; Bizet de sucia com Audran e Offenbach. Magnificos artistas. Enscenação caprichosa. Muitos applausos.

*

RECREIO. — O *Mundo da lua*, viagem-revista em 2 actos, adaptação de Figueiredo Coimbra, musica de diversos autores. Boa satyra. Allusões espirituosas. Versos fluentes. Peça muito fina para a platéa que gramou quinhentas vezes o *Bendegó* e o *Sarilho*.

Os *Irmãos das almas*, de Martins Penna. Hilaridade constante. Ferreira um magnifico Jorge. Os applausos do publico reclamam outras peças do nosso primeiro comediographo.

*

LUCINDA. — *Reprise* do *Tim tim por tim tim*, de Sousa Bastos. Enchentes sobre enchentes. Bem se vê que a peça não é fina. Estreia de Joaquim de Almeida, o distincto actor que é sempre bem recebido pelo nosso publico.

*

SANT'ANNA. — *Reprise* do *Surcouf*, que continúa a ser uma opereta excessivamente feliz. Agora o Jacaré é o Peixoto. Applausos.

*

VARIÉDADES. — *Reprise* do *Diabo coxo*, magica de tantas magicatçras que me faz dor de cabeça. Estreia de um novo actor brasileiro, Alberto Pires, que já era um amator muito applaudido em theatrinhos particulares. Vaticino-lhe um logar saliente no nosso theatro.

*

APOLLO — *Reprise* do *Rapaz de saias*. Comedia engraçada. Bonita musica. Bom desempenho de papeis. A insigne actriz Mathilde Nunes foi esquecida na distribuição. Porque?

*

S. PEDRO. — *Reprise* de *Uma noite em Pekim*. Serpentina equestre. Sylphides aziaticas. Frank Brown. Tony, o imbecil *Cendrillon*. Applausos.

X. Y. Z.

Os numeros do *Album* só se encontram á venda na Livraria Lombaerts, rua dos Ourives n. 7, e na Livraria Moderna, do Sr. Domingos de Magalhães, rua do Ouvidor n. 54.